

MEADA DE MUITOS FIOS: O LEGADO DE CÉSAR ADES

*Fernando José Leite Ribeiro

[...] histórias que contamos para nós mesmos ou para os outros.
Embora as imagens e as palavras ocorram agora, sabemos que
pertencem a um momento que já não é mais.
César Ades [2]

César Ades (8/1/1943 – 14/3/2012) falou, pensou e escreveu sobre a memória em diversos momentos de sua riquíssima vida acadêmica. E fez essas três coisas – falar, pensar e escrever – acerca de um vasto conjunto de outros assuntos psicológicos, etológicos e psicoetológicos: aprendizado; motivação; emoção; comunicação; comportamento animal de *dezenas* de espécies; comportamento humano; consciência; o conceito de eu; cognição; percepção; ensino; adaptação; evolução. Não é fácil entender como ele conseguiu estudar tal variedade de assuntos e produzir tanto *pari passu* com sua inesquecível dedicação ao ensino, à orientação, à participação em eventos científicos, à divulgação científica e à atividade administrativa. Suas importantes descobertas precisam ser celebradas, mas creio que a melhor forma de apreciar seu legado é contemplar o conjunto de sua obra, não apenas as centenas de textos, mas, *igualmente*, os efeitos de suas atividades didáticas, de suas palestras e de suas iniciativas institucionais em favor de nosso meio científico. Antevejo que nos próximos meses e anos ganhará ainda mais força a consciência que temos todos de seu papel no desenvolvimento do ambiente multidisciplinar (Psicologia, Biologia e outras) do estudo do comportamento.

Inspirado por suas reflexões sobre a memória, venho aqui recordar algumas passagens de sua vida acadêmica. César cultivava a arte de conversar. Certa vez, numa de nossas inúmeras e prolongadas conversas, falávamos sobre observações clássicas de Charles Darwin e sobre experimentos subsequentes com animais diante de espelhos e das evidências necessárias para concluir que têm autoconsciência. Discutíamos os resultados negativos e a precariedade de interpretá-los de forma simétrica aos positivos. De ponto em ponto, a discussão levou-nos à inscrição na entrada do templo de Apolo e a divagar sobre o tipo de espelho que seria necessário para seguir aquele conselho. Lembramo-nos das lendas sobre os vampiros e da ideia de que eles talvez vejam a verdade ao não ver nada no espelho. Rimos. A sério, porém, César recuava diante dessas vertigens, e assumia tacitamente a realidade objetiva da consciência humana, unicamente humana, deixando aos animais uma consciência menor. Noutra ocasião, César falava-me da audácia de tantos psicólogos e etólogos que se apegavam a uma ideia, própria ou alheia, e com ela faziam suas carreiras. César ilustrava esse fenômeno com exemplos bem escolhidos. Diverti-me com os exemplos e entendi o contraste com seu modo de pensar. César era a antítese dos paladinos das “escolas de psicologia”. O que poderia parecer ambiguidade, era prudência. O que poderia parecer indefinição, era sabedoria. Ambas derivadas de sua enorme erudição. Comentei que talvez algumas dessas arrojadas “convicções inabaláveis” não estivessem isentas de uma dose de oportunismo. César concordou, ampliou com bons exemplos, mas não escondeu que sentia uma pitada de admiração pela intrepidez das visões radicais. As coisas ficavam mais simples, mais

* Doutor em Psicologia Experimental pela USP (1972) e docente do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) desde 1968 – Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária – São Paulo – SP – 05508-030 – e-mail: fjlribei@usp.br.



Professor César Ades. Foto: Marcos Santos/ USP Imagens

fáceis. Aquilo que era uma de suas virtudes incomodava-o um pouco. Percebi que a amplitude de seus estudos e o exame criterioso de tantas alternativas decorriam, em parte, de sua personalidade. César era mais parecido com um camundongo num campo aberto (*open field*) do que num labirinto múltiplo. Nas esquinas do labirinto, o camundongo para, fareja, hesita, mas segue para a esquerda ou para a direita, deixando para trás o outro lado. Suas escolhas, certas ou erradas, vão eliminando os outros caminhos. Já no campo aberto, ele entra devagar, atento, avança um pouco, recua, fareja, ouve, avança noutra direção, recua de novo e aos poucos ganha um conhecimento amplo do ambiente. O César dos labirintos e campos abertos traz-me ao César das bibliotecas:

- Alguém aí sabe onde está o César?
- Veja na biblioteca.

Era assim. As bibliotecas têm um quê de labirinto. César, porém, não lidava com elas como os ratos lidam com labirintos aos quais estejam acostumados, indo diretamente aos corredores de sempre. Via-as como campos abertos. Percorria todos os corredores; não deixava nenhuma estante incólume. E lá ficava ele, ainda bem jovem, horas e horas. Em silêncio, lendo, aprendendo, pensando, César Ades construía César Ades.

Silenciosas também eram suas longas horas a observar as prateadas *argíopes* de sua notável tese de doutoramento. Mas como tudo sempre começa antes de qualquer começo que se queira assinalar, antes das teias viscosas no Bloco 10 da Cidade Universitária, vieram os ratos explorando campos abertos e percorrendo labirintos no porão do prédio da Alameda Gleite no centro de São Paulo. Voltemos, então, até lá.

Conheci César Ades quando entrei no curso de Psicologia da FFCL da USP em 1964. Instalações precárias, recursos escassos, professores jovens a criar suas disciplinas, escolhendo e organizando seus conteúdos. Ele estava no 4^o ano e era o aluno mais estudioso. Um estudioso entre estudiosos, pois aqueles primeiros anos do curso de Psicologia tinham uma intensidade intelectual peculiar. O curso começava com um corpo docente vibrante, e muitos alunos entravam logo, com determinação, na complexa trama das teorias psicológicas. Era o tempo dos grandes sistemas teóricos, da ambição de encontrar o fio da meada que levaria à explicação de tudo. Era apenas um curso de graduação, mas, em retrospecto, vejo que as discussões chegavam, amiúde, ao que se deve esperar dos melhores alunos de pós-graduação. Para que não se diga que exagero, vejamos o que escreveu César Ades sobre aquele tempo:

[...] entrávamos numa sala com uma mesa central, ao redor da qual cabia toda a turma, eram poucos os alunos! Para aulas sobre percepção, aprendizagem, psicologia comparativa. Ali, soubemos das idéias dos gestaltistas Koffka, Köhler, Lewin e também nos iniciamos na Etologia com Tinbergen e Lorenz. [...] no final

do corredor foi instalado o saveiro do professor Walter Hugo de Andrade Cunha, onde [...] as formigas nos deixavam admirados com o seu incessante labor. [...] em reuniões à parte que marcávamos à noite, Walter, Arno Engelmann e eu discutíamos o modelo teórico de Miller, Galanter e Pribam [...] em prenúncio do cognitivismo. Fernando Leite Ribeiro, Katsumaza Hoshino, Alcides Gadotti e eu lá planejavamos um experimento sobre mapas cognitivos em ratos, de inspiração tolmaniana [...]. Em duas salinhas, instalei [...] o meu primeiro laboratório, no qual fui investigando [...] o comportamento exploratório. O espaço era pouco, mas extraordinária a densidade de ideias, não nos abandonava um instante o senso de conquista intelectual. Há muito mais a dizer sobre a Glete como origem do que hoje são linhas de ensino e pesquisa no Instituto de Psicologia, mas deixemos isso para outro depoimento. [1]

Logo ganharia intensidade no Brasil o radicalismo behaviorista a propor uma faxina conceitual revolucionária com a força dos vendavais. E aconteceu na Psicologia da USP uma coisa extraordinária. O professor Walter Hugo – sim, aquele que nos trouxera os métodos e os conceitos da Etologia, e suas tremendas indagações sobre as emoções das formigas, aquele que dera ao César sua primeira *argóipe* – deixou-se seduzir por aquela assepsia radical. Ele reescreveu todas as interpretações de sua criativa tese de doutorado! Foi um choque, mas um exemplo esplêndido de honestidade intelectual. Anos depois, Walter Hugo desencantou-se de sua “conversão” ao radicalismo.

Notavelmente, César Ades escapara daquela sedução. Graças à sua personalidade antirradical, sempre pronto a valorizar, sem exageros, os aspectos positivos de qualquer ideia ou autor, passou a ser o principal professor de Etologia no Brasil. No entanto, ele não foi um etólogo *tout court*; tinha fortes restrições a alguns conceitos básicos dos etólogos. César, como ele mesmo dizia, não era um “seguidor”.

Vejo-o como um conciliador eclético, avesso a simplificações precipitadas. Diante de qualquer problema, ele percebia de imediato a complexidade subjacente, e punha-se a examiná-lo com todo o seu conhecimento, usando com igual desenvoltura a Etologia e a heterogênea literatura psicológica que ele dominava como ninguém. Como exemplo de sua vocação integradora, vejamos como, em 1994, falando de suas pesquisas, ele realçou o valor de encontrar um sinal de plasticidade num comportamento dado como totalmente rígido: “O último e talvez o mais espetacular, apresentado no XXIII Congresso Internacional de Etologia (Ades, Cunha e Tiedemann, 1993) é o trabalho de Selene Cunha em que se descobrem indícios de efeitos da experiência passada na construção da teia geométrica da aranha.” [3]

César Ades tinha bom humor. Uma vez, a conversa era lúdica, disparei: “Que tal decretar que Skinner e Freud foram os dois maiores erros do pensamento psicológico do século XX?” César riu, mas, a rigor, avaliações desse tipo davam-lhe um mal-estar. Conhecia bem os dois autores, é claro, e conseguia ver valor em suas obras. Eram outros fios da meada, outras regiões do campo aberto.

Ao revisitar sua obra vejo-me a seguir suas pegadas, tentando entender os ziguezagues, as múltiplas direções. Encontro o Instituto de Estudos Avançados por ele dirigido de 2008 a 2012; nada combinava tanto com sua insaciável curiosidade. Chego ao International Council of Ethologists e à Academia Paulista de Psicologia. Encontro os cães e seus teclados, César buscando entender sua mente empática. Mais adiante, ouço os assobios das preás e logo os chamados dos muriquis que me levam para fora dos laboratórios, César bisbilhotando suas conversas, nas ilhas Moleques do Sul do litoral catarinense e na Mata Atlântica [4,5,6]. Acolá estão as revistas, a *Revista de Etologia*, a *Pesquisa FAPESP*, a *Psicologia USP*, belas páginas. A *Sociedade Brasileira de Etologia*, fundada por ele. O campo se estende, preciso acelerar. Chego ao exterior, Portugal, Espanha, França, quantas estradas, sei que deixo muitas para o leitor. Volto, e vejo ainda as pegadas de suas visitas à consciência, ao eu, ao pensamento e à memória.

Finalizando, o que me vem à mente é aquela triste manhã de 8 de março de 2012. Rompeu-se o fio, cerrou-se o labirinto, calaram-se os muriquis e as preás. César Ades tinha belos estudos em andamento e já preparava outros, a buscar novos fios da meada sem fim. Tinha projetos também para o Centro de Memória, criado durante sua gestão como diretor do Instituto de Psicologia (2000 - 2004). O que nos resta, agora, é buscar consolo e exemplo no legado e na memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ADES, C. Memória partilhada. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 233-244, 2004.
- [2] _____. Múltipla memória. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 9-24, 1993.
- [3] _____. Notas sobre a criatividade em pesquisa. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 27-35, dez. 1994.
- [4] MENDES, F. D. C.; ADES, C. Vocal sequential exchanges and intragroup spacing in the Northern Muriqui *Brachyteles arachnoides hypoxanthus*. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 76, n. 2, p. 399-404, 2004.
- [5] ROSSI, A. P.; ADES, C. A dog at the keyboard: using arbitrary signs to communicate requests. **Animal Cognition**, v. 11, n. 2, p. 329-338, 2008.
- [6] TOKUMARU, R. S.; ADES, C.; MONTICELLI, P. F. Can guinea pig mothers learn to discriminate the whistles of individual pups? **Revista Brasileira de Zoociências**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 7-17, 2006.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras Emma Otta e Vera Sílvia Raad Bussab, do Instituto de Psicologia da USP, por seus úteis comentários sobre uma versão preliminar deste artigo. Agradeço também ao revisor desta revista, José Antonio Capellari, pela cuidadosa leitura do manuscrito.